

AINDA A COLEÇÃO ALBERTO LAMEGO

Outro documento de grande interesse da coleção Alberto Lamego é certo requerimento apresentado em 1685 ao Rei de Portugal pelos membros da Irmandade do Rosário do Rio de Janeiro, no qual solicitavam que aqueles de seus membros que sofressem "ruim cativo" pudessem ser resgatados aos seus senhores. E é de interesse para a história de Pernambuco porque é de 1691- cito de memória - pedido idêntico feito ao Rei pelos irmãos cativos da Irmandade de Nossa Senhora de Guadalupe de Olinda, mencionado por Pereira da Costa na sua conferência sobre "A idéia abolicionista em Pernambuco", fato que parece indicar a existência de entendimentos entre os pretos das duas Capitâneas. Anexo ao requerimento dos irmãos do Rosário há o parecer autógrafo do governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, opinando que se indeferisse o requerimento e acentuando que os escravos em condições de se alforriarem eram exatamente os mais trabalhadores e hábeis - que tinham com o produto do trabalho dos sábados livres que lhes concediam os senhores, reunido o cabedal necessário à compra de sua liberdade -, o que representava grande prejuízo para os seus senhores: "os que intentão resgatar-se não são os que tem pior cativo nem a maior queixa de seus senhores, antes pelo contrário, que os tais passam e andam melhor que os outros e talvez com isso se estragarão mais nos vícios". Interessante também o parecer ao mesmo respeito, dos vereadores da Câmara do Rio, representando ao Rei os inconvenientes da pretensão.

Do grande bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, possui a Coleção Lamego uma longa carta, toda de seu próprio punho, dirigida a D. Rodrigo de Sousa Coutinho e datada do sítio da Soledade, 24 de setembro de 1801. Nesta época, Azeredo Coutinho fazia parte da Junta do Governo de Pernambuco e sofria forte campanha de elementos a quem havia ferido em seus interesses econômicos, opostos aos do povo ou da Coroa Portuguesa: a isto o bispo se refere longamente em sua *Defesa* impressa em Lisboa em 1801. Narra ele nesta carta que pessoa que lhe merecia confiança veio referir-lhe "que na noite do dia 4 do corrente pelas 11 horas e meia mais ou menos indo fazer oração, como tem por devoção, à portaria dos Religiosos Franciscanos... vira dois vultos junto ao Cruzeiro do mesmo Convento, os quais estavam conversando em voz sumida, que ele não percebia, até que um deles com mais calor, levantou um pouco mais a voz e disse - como se não pode fazer a todos três faz-se a um, pois não pode estar de melhor jeito; quando ele sair do despacho e for para a Soledade, no corredor se lhe faz a emboscada". O corredor é não alguma dependência do Palácio do Governo, mas a rua chamada Corredor do Bispo: ali pretendiam os conjurados matar o bispo Azeredo Coutinho. O local prestava-se muito ao plano; o próprio bispo o descreve assim: "o lugar chamado o corredor é um caminho estreito entre muros de uma parte e de outra, um bosque com diversas veredas, bem próprio para uma cilada, cujo corredor é a estrada que vem da vila (do Recife) para esta casa que os Bispos meus antecessores fizeram para sua habitação".

Um outro volume de MSS. Contém narração muito interessante e atual, pois está ligada a fatos da Rebelião Praieira, e diz respeito à fundação da colônia de Moçâmedes, em Angola, por portugueses que abandonaram Pernambuco em consequência dos maus-tratos aqui recebidos, quando da campanha antilusitana que precedeu aquela rebelião. A campanha não se limitou, como é sabido, a violentos artigos de jornal, mas chegou até a agressão física e morte de portugueses de Pernambuco, por ocasião dos célebres movimentos chamados "mata mata marinho". A narrativa não tem indicação de autor, mas é baseada em documentos oficiais, citados em notas, e tem em apenso alguns papéis originais, contendo o relatório de 1850 do diretor da

colônia. Intitula-se "A Colônia de Moçâmedes. História de sua fundação segundo os documentos existentes nos Arquivos de Marinha e Ultramar". Começa: "No ano de 1848, grande número de cidadãos portugueses residentes na Província de Pernambuco, Império do Brasil, desgostosos e indignados pelos vexames e insultos de que eram alvo por parte de certas classes de brasileiros que haviam declarado guerra implacável ao elemento português, dirigiram uma representação à Rainha, sra. d. Maria II, declarando que muito desejariam estabelecer-se n'alguna das nossas possessões africanas. E para levar a efeito seu desejo, e atendendo a que eram bons colonos, mas pobres, pediam ao governo de S.M.F que lhe prestasse os necessários auxílios.

"O governo resolveu aceitar o oferecimento dos colonos portugueses que desejavam abandonar Pernambuco, e para esse fim, em 26 de outubro de 1848, fez expedir uma portaria ao cônsul português naquela Cidade, Joaquim Batista Moreira, para que juntamente com o cidadão português Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, organizasse uma Comissão, para dirigir oportunamente a viagem dos colonos, para o porto que escolhessem, em qualquer das províncias d'África".

A comissão, composta das duas pessoas já citadas e dos portugueses Ângelo Francisco Carneiro, Bernardo de Oliveira Mello e Miguel José Alves, começou a funcionar em 27 de Março de 1849. Em maio estava tudo pronto para o embarque. Infelizmente o relatório não menciona o número exato dos emigrantes, nem a composição do grupo. Eram porém, mais de sessenta homens, afora mulheres e crianças. Quanto à ocupação, diz o documento que "entre os colonos iria gente muito útil para estabelecer (em Moçâmedes) a rendosa agricultura da cana-de-açúcar e para elaborá-la com conhecimento, além de conhecer a cultura do tabaco, café e algodão. Também iam igualmente artistas de quase todos os ofícios mecânicos"...

"Os colonos portugueses que haviam resolvido abandonar o Brasil pelas perseguições e insultos de que ali eram alvo e estabelecer-se n'uma das nossas possessões em África, saíram do porto de Pernambuco a bordo da barca Tentativa no dia 23 de Maio de 1849 às 4 h. da tarde. Fundearam nessa noite no Lamarão. Ali estiveram durante todo o dia de 24, que se passou em dar algum arranjo e a possível comodidade aos colonos, na perspectiva de demorada viagem. A barca fez-se de vela no dia seguinte, 25 de maio, seguida pelo brigue Douro, navio da marinha de guerra portuguesa, encarregado de acompanhar a barca". A viagem durou 74 dias, e durante a travessia sobreveio uma epidemia de bexigas, havendo em certo momento 46 doentes a bordo: "entretanto, com cerca de 200 pessoas a bordo, entre colonos e tripulantes, só morreram 8 pessoas, 3 maiores e 5 menores"...

Finalmente chegados à África, o diretor da Colônia, que era o próprio Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, que acompanhava os colonos, passou a inspecionar a região em que teriam de se fixar e, em especial, a "extensíssima várzea do rio das Mortes" que lhe pareceu "toda produtiva, e se o for de cana, como estou inclinado a acreditar, pode ser terreno para nove laboratórios de açúcar", diz ele em seu relatório. Seria interessante poder verificar até que ponto a "experiência brasileira" dos colonos teria influído na escolha da agricultura do açúcar, de preferência a outra, e como se teria desenvolvido até os dias de hoje a colônia de portugueses de Pernambuco emigrados para Moçâmedes. E já em abril de 1850 o diretor Bernardino Freire "enviara com entusiasmo para o ministério da marinha a primeira amostra de aguardente fabricada em Moçâmedes. Conquanto a matéria-prima não fosse dos terrenos da colônia, fora contudo destilada nos alambiques que o governo português dera aos colonos"...

De interesse não menor do que a coleção de manuscritos, é a biblioteca, também adquirida ao dr. Alberto Lamego. Há um grande número de folhetos extremamente raros, dos séculos XVII e XVIII, muito valiosos para quem queira aprofundar o estudo da história de Pernambuco. Particularmente valiosa é a coleção de sermões pregados no Brasil, cujo interesse para a história das idéias morais vigentes na América portuguesa não é inútil destacar; recorro que foi exatamente com base em sermões que o

historiador holandês Grootenhuyzen escreveu o trabalho clássico sobre a "consciência burguesa". Com relação ao nosso Estado, encontrei o *Sermam que pregou o muito R.P.Fr. Bernardo de Braga, Dom abade de S. Bento de Pernambuco, na festa que fez o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros a N. S. de Nazaré na segunda oitava do Natal de 1648*, Lisboa 1649, que demonstra que mesmo depois da vitória na primeira batalha dos Guararapes, os pernambucanos estavam longe de contar com o próximo fim da guerra. O sermão todo visa a levantar o moral dos combatentes e fazê-los confiar na ajuda divina em que, parece, estavam descrentes. Argumentavam os pernambucanos que não lhes era possível vencer sozinhos o poder fortíssimo da Holanda; entretanto, não podiam contar com a ajuda de Portugal que então estava "ocupado em Sy, a braços à porta de casa", com os inimigos; reconheciam, também que, "a conclusão desta guerra pede hua armada poderosa que senhoree a costa do Brasil, varrendo seus mares desta fustalha holandesa", mas não podiam contar com a armada portuguesa repartida em pontos diversos para animar a Bahia, assegurar Lisboa e sustentar Angola: "como poderiam pois contar com ela os pernambucanos?" E não só os problemas do Reino como os propriamente domésticos desanimavam os combatentes: "Como se podem sustentar os diminutos Terços da Infantaria? os soldados nus, famintos, afligidos, com pouco gosto? Como tão debilitada Infantaria há de arrostar com o Recife, resguardado da sentinela que lhe fazem 19 fortes quase reais?... Como há de contrastar a Infantaria inimiga?... Quem há de fazer rosto a tantos furores? Quem há de poder cansar tão pertinaz inimigo? Como pode ser isto? Que modo há de haver? Como? Isto é impossível vencer-se, é impossível. Eis aqui o entender de Pernambuco, este é o discorrer e aqui pasmado esmorece; e quero entendimento de Pernambuco que não possa Deus remedear esta Praça senão pelo seu entender". Mas o pregador reanima os combatentes com a fé em Deus: "Deus sabe o como e o modo".

Também do séc. XVII é a valiosíssima (literariamente valiosa e só *per se* de interesse histórico) coleção de seis *Sermoens das tardes das domingos da Quaresma pregadas na Matriz do Arrecife de Pernambuco no ano de 1673* (Lisboa, 1675) pelo vigário baiano de nascimento, Antônio da Silva. Já meu conhecido era o exemplar da Biblioteca Nacional, infelizmente falto de páginas; o da coleção Lamego, porém está perfeito e em ótimas condições de conservação. Bem merecia uma reedição.

De muito interesse é também raríssima *Memória Justificativa do Desembargador da Relação da Bahia (hoje do Porto) João Carlos Leitão ou breve relação das revoluções acontecidas no último Certão da província de Pernambuco* (Lisboa, 1825), da qual, segundo informação que possuo, também existia um exemplar na biblioteca do dr. Solidônio Leite.

Estas, em breve comentário, algumas das peças manuscritas e impressas mais valiosas da Coleção Alberto Lamego, felizmente preservados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 18 dez. 1949.